

O DESAFIO DA ÉTICA HOJE EM DIA

Emmanuel Carneiro Leão - Professor Emérito da UFRJ

No aspecto dinâmico de sua constituição, toda ética é, na experiência de todos e de cada um, luta obstinada e sem tréguas contra as abstrações na conduta individual e social dos homens. Por isso, em suas atitudes, os homens contestam, de fato se não de direito, toda ação ou reação encarcerada dentro de ideologias, sejam do centro, da direita ou da esquerda. Esta ojeriza ao abstrato explica, em grande parte, a atração duradoura que as grandes personalidades exercem sobre os homens. É que, apesar de todas as aparências, a pessoa é o maior esforço para salvaguardar o primado do singular no concreto. Em hipótese alguma, porém, deve-se confundir singular e concreto com o imediato, com o conhecido, com o consciente e/ou o inconsciente.

Esta igualmente é uma das origens da descrença humana, se não nas instituições em si mesmas, pelo menos numa certa presunção das instituições de poder substituir a vida e sua originalidade por funções e sua funcionalidade. Entendida apenas

como norma e prescrição, a lei é uma poderosa pretensão abstrata que não consegue inspirar totalmente nos homens a menor admiração ou mesmo um pouco de simpatia. Pois, no sentido de norma e prescrição, toda lei supõe e se funda na pior das abstrações: na imposição de um fanatismo igualitário. E, como todo fanatismo, o império da lei se estriba também em mecanismos de defesa. Por isso é que os atos violentos das diferenças impressionam muito mais os homens, sempre estranhos para si mesmos e para os outros – tanto para os outros de si mesmos, como para os outros dos outros – do que os estados de violência da igualdade legal.

Como seria possível ao homem renunciar às diferenças, tão profundamente plantadas na raiz de sua humanidade, em favor de um nivelamento monótono e repetitivo da igualdade? - Cada um de nós se pergunta, em todo encontro e em qualquer desencontro, se não subsiste alguma conexão essencial e secreta entre o horror à abstração igualitária, à estandarização niveladora e o horror à violência sistêmica? E a resposta tem sido sempre uma experiência assertória, uma reação positiva, embora se trate de um elo nem sempre explícito e reconhecido. E por um motivo bastante simples. O esforço da abstração é de natureza passional e toda paixão gera e provém do abstrato, sempre o indispensável para sustentar as instituições e promover a igualdade. Ora, é impossível alicerçar qualquer equilíbrio ou integração de forças reais em abstrações, tanto em nível biográfico e individual, como em sentido histórico e social. Esta também é a verdade profunda da falência de toda etnarquia, como foi outrora a Sociedade das Nações ou como são hoje as Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos, a Comunidade Européia ou qualquer outra instituição transnacional ou super individual de pretensões políticas.

Caracteriza toda atitude ética ser polivalente e, nunca, por uma operação dolosa de má fé, levar a crédito de uns o que inscreve

a débito de outros. Assim, se, de um lado, o homem-bomba, a mulher-bomba, a criança-bomba são terrorismo, do outro lado, o tanque-bomba, o avião-bomba, o foguete-bomba não o são. São até tidos e havidos, como legítima defesa contra o terrorismo. Por toda parte vai prevalecendo a convicção de que a morte, o assassinato, a destruição podem se transformar em legítima defesa da vida contra qualquer ameaça de morte que surja. É a ordem da desordem, a crise radical da ética com que nos sufoca e nos confunde hoje o mercado, arrogando-se a competência de supremo tribunal de decisão para qualquer valor. Ora a discriminação é o traço característico e a marca registrada de certa dogmática histórica hoje ainda muito em voga. Julgam-se com extrema benevolência os crimes de direito comum, chegando-se ao cúmulo de idealizá-los com justificativas ridículas de vitimização, enquanto se condenam com toda a severidade os crimes de natureza política e ideológica com estigma social. No passado, o difícil, o grande desafio para todo mundo, tanto indivíduos, como grupos, era chegar a ser ético e moral em todas as atitudes e ações. Hoje, não! Inverteu-se a situação, o grande desafio, no âmbito da ética, é conseguir ser imoral e violar os princípios éticos, é chegar a praticar um crime, cometer uma abominação ou tomar uma atitude reprovável. Pois todos somos vítimas. Ninguém pode ser ou sentir-se culpado quando tudo é permitido e a permissividade campeia por toda parte, como o ideal supremo do valor e a liberdade se transforma cada vez mais em licenciosidade, em isenção de qualquer dever ou interdição: “liberou geral”!

Vivemos uma aberração ética. O crime político é considerado crime supremo, por ir de encontro e violentar o sentido da história. Em contrapartida, o crime comum, não interessando pretensamente à história, é tratado, como direito universal do homem. Por “desencadear uma virulência marginal”, o crime comum é visto

como essencialmente venial, quando não uma virtude social. Assim não é de se admirar a simpatia que criminosos inveterados encontram entre as chamadas elites progressistas, que se consideram e se têm por revolucionárias. O conformismo da esquerda, os poderosos da esquerda, os bem pensantes da esquerda não são menos reacionários, nem menos prepotentes do que o conformismo, os poderosos, os bem pensantes do centro e da direita. O intelectual progressista se julga revolucionário, por sentir-se inferior ao criminoso, por ter vergonha de sua folha corrida limpa. É tido de mente tacanha e mentalidade careta quem continua achando o roubo ato eticamente reprovável em si mesmo, qualquer que seja o contexto social e a condição de vida de quem o tiver praticado.

A nossa época dá um espetáculo de verdadeira má fé no absurdo e de incoerência no reino dos valores. Do ponto de vista ético, bem e mal não são dois princípios separados que se opusessem, como a imperfeição se opõe à perfeição.. O bem e o mal constituem ambos o mistério insondável de toda ética digna deste nome. Mistério, porém, não é um letreiro de propaganda nem uma referência ao sentimento oceânico da indiscriminação e do indiferenciado, em qualquer nível que seja. Todo mistério se ordena e sintoniza com uma atitude de meta-técnica, condição de possibilidade para todos os desempenhos de valor. É uma atitude sempre refratária, mas sempre empenhada em determinar escolhas e definir decisões. O mistério se faz assim o indeterminável determinante de toda determinação ética.

Ninguém sabe os limites do progresso técnico, mas, em cada etapa de seu crescimento, todo mundo sabe, com sabor oblíquo e incorporado, que o progresso é, de sua natureza, opaco para si mesmo e obtuso para as condições de suas próprias possibilidades, cego para os valores éticos e para a operação de seus limites. É

aqui que emerge a experiência mais do que lúcida, a experiência translúcida de uma conexão íntima e reciprocamente constitutiva entre ética e mistério. Quanto mais as técnicas progridem, tanto mais a ética regride em vigência formativa e em espontaneidade criativa. O progresso tende a disseminar uma atmosfera desfavorável para o exercício da ética e o vigor da criação. Por isso cresce hoje cada vez mais a metamorfose das comunidades em ajuntamento, das sociedades em adestramento, dos grupos em massa. É o caldo de cultura e da cultura do virtual e dos meios eletrônicos de relacinamento e comunicação de massa. Ora a ética só pode afirmar-se, florescer e vigor, fora e contra as massificações e os automatismos.

A criação contra as repetições, o universal contra o abstrato, a originalidade contra as reposições, a personalidade contra as massas, a diferença contra as uniformizações de igualdade: tal é o verdadeiro desafio da ética, no contexto sem viço nem vitalidade, em que hoje nos descobrimos inseridos, a cada passo e por toda parte. O apelo de originalidade, que nos trazem a criação, o universal e a diferença, interessa à ética de nossos encontros e desencontros em nossos empenhos de ser e realizar, tanto o que temos e não somos, como o que somos e não temos. Aqui, porém, o universal não é uma abstração que vale igualmente de qualquer diferença e para toda individualidade, por deixar-se reduzir a fórmulas de comunicação de massa, suscetíveis de veiculação repetitiva. O universal, que a ética supõe e promove, é concreto. Ora, este universal concreto se concentra na criatividade do espírito e se realiza no acolhimento das diferenças. Pois todo espírito ou é amor e criação ou é um nada negativo, descambando para a imposição de estereótipos em estribilho. É a mensagem ética que nos deixou a experiência de pensamento radical dos gregos, em cada nível e em toda fase de seu percurso histórico. Entre amor e

ética não pode haver exclusão. Toda vez que se instala uma cisão, ou o amor se degradou em interesse ou a ética se cerebralizou em repetições abstratas. A massificação provém e se instala na falta desta integração. É por isso também que uma ética para as massas é uma bandeira de pirata. Pois só a pessoa pode ser educada. Fora disto, tudo se reduz a treino e adestramento. As massas só podem mesmo ser fanatizadas por abstrações ideológicas. É o amestramento. Toda propaganda visa a garrotear a vida e a substituí-lhe as forças de criação por uma agitação padronizada e automática. A vitalidade dos tumultos, das rebeliões, das revoluções só se conserva até às vésperas da vitória e à tomada do poder. A partir daí tudo são massificações, e a possibilidade de um homem livre fica na saudade de um ontem cada vez mais sem amanhã.

Que é homem livre?

Como toda pergunta essencial, também esta não é uma pergunta que se possa discutir em abstrato, sem referência a situações históricas e às condições da existência. O próprio do homem está em realizar-se dentro de uma tradição e arraigado num mundo. Pois bem, no mundo, em que vivemos e na situação histórica com que nos defrontamos, a liberdade se dá e chega ao homem de hoje no retraimento e na recusa, como negação e negaceio. Há um século, depois de Nietzsche ter anunciado a morte de Deus, um outro anúncio se vem impondo, menos proferido numa denúncia do que sentido nos murmúrios da angústia: o homem está em agonia. Não se trata de uma profecia para o futuro. É uma experiência que se faz a cada passo. Dizer que o homem está em agonia não é julgá-lo ameaçado de fora por uma catástrofe ou pela fatalidade de uma destruição genética de toda espécie. A agonia do homem corresponde a uma angústia muito mais radical. Equivale a reconhecer que as possibilidades de eliminação da vida na terra

brotam das profundezas ontológicas do próprio modo de ser do homem. Hoje já não é possível esconder o elo intrínseco de ligação que prende o progresso à violência. Esta pertinência recíproca distingue e caracteriza a situação da ética em nossos dias.

O desafio da ética hoje não está em transformar-se numa ética da situação. Toda ética da situação inclui uma abstração nevoenta. O desafio concreto da ética está em entregar-se toda à “espera do inesperado”. Uma espera que vive e vivifica a vida do pensamento. Pois pensar, como pensam os pensadores, não é conhecer como conhecem os conhecedores. É, perseverando na “espera do inesperado”, deixar-se transformar pelo vigor originário do não saber. Trata-se de tarefa difícil. Uma ascese rigorosa se impõe e um esforço continuado se recomenda: a ascese de se despojar de toda presunção de ser e o esforço de renunciar a toda pretensão de já saber o futuro. O que quer que ainda venhamos a ser, nós já somos, embora sem tê-lo em nosso poder. Tudo que ainda está por vir, nós já somos, embora sem o saber, de vez que estamos sempre empenhados num empenho de ser e num esforço de realização.

Mas o que assim se nos propõe não é mera tarefa de tomar consciência. Toda consciência é um modo de ter. É sobretudo um desafio histórico de desempenho de ser. Só fomos o que somos, só somos o que havemos de ser, na medida em que nunca conseguimos ter tudo que nos é dado ser. Nossa dificuldade radical não está, nem no futuro, nem no passado. Está no presente. O espírito do presente não é apenas a presença; é também a ausência do pensamento. As pretensões com o futuro e as saudades do passado nos atropelam o esforço do presente. Somos sempre seres do instante, como nos vem recordando ao pensamento a Oitava Ode Pítica de Píndaro, há mais de vinte séculos:

“Seres de um dia: o que é ser alguém?”

*O que é ser ninguém? – Um homem,
sonho de uma sombra”*

Com nos trazer desafio e provocação, a situação atual da ética desmascara também uma presunção: a presunção da razão de dominar e ter em mãos o próprio ser, a própria realidade. Uma tentativa, sempre de novo ensaiada, mas sempre de novo frustrada. E por que? – Porque a razão nunca pode ser nova. Foi, é e será sempre velha. O seu tribunal é o supremo tribunal da repetição de moldes e do estribilho de modelos. E por que? – Porque, por sua própria natureza, a razão impõe padrões e exige a observância estrita de paradigmas. Ora, modelos e paradigmas estabelecem regras, prescrevem normas. E como um processo normatizador pode aceitar o novo? – Por sua própria natureza, a razão produz conhecimentos. E como pode o já conhecido ser novo? – Por sua própria natureza, a razão traz consigo o passado. E como pode o que já foi e passou instalar o novo? Toda derivada é contínua. Tudo, que a razão carrega, acarreta o velho, tão velho, que não pode nem morrer nem viver. Ora, para nascer o novo, é necessário a contradição de viver e morrer ao mesmo tempo a cada instante. É o que nos convida a pensar com nosso próprio ser o epitáfio de Rainer Maria Rilke:

“Rose, oh reiner Widerspruch, die Lust niemandes Schlaf zu sein unter so vielen Lidern”

“Rosa, pura contradição: a volúpia de ser o sono de ninguém debaixo de tantas pálpebras”!

Quando se conhece uma situação ou se percebe uma conjuntura, elas não são mais, já passaram. Todo real é uma realização incessante que não se repete mais. Trata-se de uma palavra, que, uma vez pronunciada, já não se pode dizer outra vez. O que se nos afigura repetição nas realizações do real não passa

de um efeito ótico da razão. Para poder operá-las em apresentações, a razão paralisa em abstrações suas representações e acha que, com tais ferramentas, conhece e controla o real. Mas justamente a paralisação torna a razão velha. Um cálculo e um padrão, um paradigma e uma amostra, um modelo e uma representação nunca podem ser novos. É que, por nunca poder ser originária, mas por funcionar sempre em derivações, a razão não cria nada de original. Sua força é derivar, seu poder é, como todo poder, repetir-se em deduções, sejam formais, sejam transcendentais, sejam empíricas. E, na linhagem das repetições, trata-se de um poder sem fim nem limites. No gênero de sua ação, a razão pode tudo. A razão só não pode pensar e criar, porque, para tanto, é preciso encontrar-se com a jovialidade das realizações do real, renunciando a todo controle, respeitando o mistério da realidade e deixando vir ao encontro o frescor e o viço, a juventude do novo.

É que, para se deparar com o novo, há de se abandonar a si mesmo todo paradigma de desdobramento e deixar ser todo parâmetro de derivação. Gerar paradigmas e construir parâmetros, para neles tentar enquadrar o real, é a grande presunção da razão. Por isso somente desfazendo-se de toda pretensão é que os ouvidos se abrem para o inaudito e os olhos se liberam para o invisível. A boa visão não é a que vê tudo que é visível. Esta é a visão racional. A boa visão é a que vê o invisível em tudo que é visível. Suave, a melodia que se ouve, criadora, a música, que não se ouve, mas se escuta em toda melodia. É para esta experiência criativa que nos convida todo empenho ético pela ética.

Certa vez Nietzsche escreveu que feliz e bem-aventurado não é quem não vê e crê, como está no Evangelho de São João (“felizes os que não tendo visto, têm crido”). Para Nietzsche, feliz e bem-aventurado é quem vê e ainda assim não crê. Pois bem, para se pensar a crise da ética hoje, é necessário, num mesmo elã de ser,

tanto ver e crer, como ver e não crer como crer e não ver. Todos os métodos e todos os esforços da ética, ao longo destes dois milênios e meio de História Ocidental, nada mais fizeram do que desprender o homem de todas as pretensões e deixar emergir a integridade de sua conduta na irrupção inesperada da realidade nas realizações do real. Em cada ação e/ou omissão de todos nós, luta e se empenha por chegar a si mesma uma única experiência: a saber, o homem tem de conquistar-se, deixando ser as virtualidades de sua própria humanidade. Por isso, a todo momento, deve abandonar tudo e ser abandonado por tudo, a fim de se recuperar e se recolocar, em cada situação, de maneira sempre mais livre. Nenhuma ideologia serve à liberdade, supõe e encoraja a ética. Pois a essência de qualquer ideologia é sempre discriminar e excluir tudo que lhe é diferente e contrário. Deve, portanto, despir-se de toda ideologia quem quiser remontar ao ponto de origem de uma realização libertadora. Aqui também valem as palavras do Evangelho em Lucas 17 , 33 “quem quiser conservar sua vida perdê-la-á mas quem a perder há de gerá-la de novo”. Todavia, “gerá-la de novo”, como? – não de certo, na monotonia das repetições, nem num vazio cheio de aspirações e desejos e sim pelo encontro com o inesperado na liberdade de ser e transformar-se. É a experiência a que nos remete toda eloquência de pensamento da expressão grega: “gerar a vida de novo”. Só alcança o fundo de si mesmo e só pensa as profundezas da ética na existência quem deixar tudo e for deixado por tudo, aquele para quem tudo desapareceu e se viu a sós com o nada. É o passo constitutivo da postura do filósofo, em todo homem, que, de certa feita, Platão comparou com a morte: “empenho da morte”, uma das definições platônicas da filosofia.

A história da humanidade se move em ciclos de vinte e cinco séculos. A cada dois milênios e meio se fecha um ciclo, se atinge um clímax e se instala um fim. É o instante propício para se

transformar e ser mais livremente o que somos. Pois tudo se torna fluído e nada se fixa. Os velhos padrões se esboroaram e os novos parâmetros ainda não se instalaram. Aparecem, então, mais claras as limitações da razão e se fazem mais sensíveis as perdas da racionalidade. O mundo todo entra em transição e sente a necessidade de passar. Dois mil e quinhentos anos atrás, surgiram Buda na Índia, Lao-Tzu na China, Zaratustra na Pérsia, os Pré-socráticos na Grécia.

Hoje em dia, estamos de novo nos interstícios da história, de passagem para outro dia histórico. Todos os parâmetros desvaneceram, todos os valores se gastaram, todos os princípios perderam força. Vivemos num estado fluído, elástico, maleável. O velho já não tem importância. O passado enfraqueceu seu poder e o futuro ainda não chegou de todo. Estamos num intervalo histórico. É tempo de transformação. É dia de libertação. Por isso toda ética está em crise de fundamentos. Impõe-se uma mudança de princípios, urge uma transformação de paradigmas. Na experiência histórica de Nietzsche, começa a descida de Zaratustra, para anunciar o “super-homem”, der Über-mensch. No prólogo do primeiro livro de Also sprach Zarathustra, escreve Nietzsche com letras de sangue:

“Quería presentear e distribuir até que os sábios entre os homens se tenham alegrado de sua loucura e os pobres entre os homens se tenham alegrado de sua riqueza. Para tanto, tenho de descer ao fundo, como tu fazes no fim do dia, quando afundas no mar e levas luz para o mundo de baixo, tu, astro acima de qualquer riqueza”.

É nesta ambivalência de uma passagem histórica e de uma transição paradigmática que temos de aprender a conviver num verdadeiro vazio, num vazio esvaziado de toda pretensão de valor e de valores, de decidir e decisões, de ser e de essências, de ordem

e ordenações. É neste aprendizado que nos chega o desafio da ética nos dias de hoje. Justamente porque nos devemos aventurar na grande e longa missão de construir um mundo verdadeiramente novo, temos de aprender novamente a pensar, radicalmente, novo. E temos de aprendê-lo de modo ainda mais rigoroso do que todas as épocas anteriores e éticas passadas. Pois somente o pensamento mais radical nos põe diante do que há de extraordinário neste desafio e há de preservar-nos contra uma explosão de mera repetição e estéril imitação.

O que se trata de ultrapassar hoje neste desafio radical da ética, o que se tem de esperar agora radicalmente não é determinada interpretação do sujeito. É determinar o homem como sujeito. Esta determinação caracteriza os tempos modernos e hoje alcança, na expansão essencial da técnica, uma força planetária. É tão profundo seu vigor histórico que permite concepções diferentes e até contrárias, reivindicar, com o mesmo direito, a linhagem da modernidade. Idealismo e realismo, materialismo e espiritualismo, racionalismo e existencialismo, capitalismo e socialismo têm em comum necessidade histórica de não se desenvolverem nem se afrontarem senão plantados no sol, o de um mesmo niilismo, em que o mistério da realidade e do realizar-se no tempo já não é nada e o nada se reduz sempre a algo simplesmente negativo, a mera ausência de qualquer coisa. Centro de um mundo quase que só feito de sujeitos e de objetos, de funções e operações, de dispositivos e disjuntores, a armação da técnica se vai tornando o fundamento comum de todos os sistemas e organizações modernas, a alavanca de todo humanismo cristão, ateu ou indiferente, a meta de todas as revoluções, sejam capitalistas ou comunistas.

No império das funções politônicas, o desafio da ética nos faz sentir hoje a urgência de se pensar a questão de fundo de toda

a existência atual: será mesmo que continuaremos prisioneiros da insurreição da técnica e condenados para sempre a desenvolver, sem nem mesmo pressentir, suas conseqüências monstruosas? Ou os tormentos que nos atormentam nas tormentas de hoje não poderão vir a transformar-se de repente no prelúdio, por mais doloroso que seja, de uma nova “aurora dos dedos de rosa” ou no fênix de uma outra ressurreição? – É com estas esperanças animando-nos o pensamento que somos chamados a assumir o desafio da ética nos dias de hoje.